O periodico de maior circulação nos municipios do Amazonas e Acre

Diretor-responsavel: CLOVIS BARBOSA

REDAÇÃO E GERENCIA (provisoria) AVENIDA SETE DE SETEMBRO, 249 — CAIXA POSTAL, 297 — TEL. C9 — ASSINATURA ANNUAL PARA TODO O BRASIL 10$000

Ano I — Num. 8 — MANAUS — 28 de Fevereiro de 1938 — 12 paginas — $400

LA VITORIA, 19 — Interventor Doutor Alvaro Maia — Manaus — AM — Pela data do aniversario de V. Exc. envio-lhe minhas amistosas saudações fazendo votos muito cordiais por sua completa felicidade. — (a) General RONDON.

MANAUS, 19 — Interventor Alvaro Maia — Assinalando registrando renovada prova sua bondade motivos novos meu reconhecimento abraço calorosamente prezado amigo luminosa data. — (a) ADRIANO JORGE.

... Fui surproendido com a agradavel visita d' A SELVA, aqui nestes cafundós, quasi em Cucui. Está exuberante. E' filha legitima de quem criou REDENÇÃO e EQUADOR. Parabens. (a) **Otaviano Melo** — Juiz de Direito da Comarca de São Gabriel.

A ARTE NO CINEMA

PADEREWSKI E STOKOWSKI

O cinema entrou, como uma das mais nobres conquistas da intelligencia, em sua phase realmente artistica. A essa proposição abalancei-me, quando Manáos ficou empolgado pelo film de Chopin.

Adoptando o artificio das reconstituições historicas no dominio da arte, a Cinematographia ressuscitou grandes genios da Musica — Schubert, Chopin, Beethoven..., fazendo que revivam no martyrio de suas vidas, sublimadas pela belleza, mas tyramnisadas pela dôr.

Na dramaticidade da vida tormentosa daquelles semi-deuses, torturados pelo destino impiedoso, a sua musica sobresahe, — com uma tonalidade mais humana, numa sonoridade suggestiva e commovedora, — no Cinema gravado.

Com o intento nobilissimo de explorar "motivos de arte", usando como instrumentos os proprios artistas, inaugura-se novo cyclo da evolução do Cinema, de effeito mais dominador sobre a esthesia do homem e de valor historico mais positivo e perduravel: A' reproducção artificial, crúamente theatral dos maiores vultos da Musica, succede o processo cinematographico que fixa nas attitudes da vida artistica, os que vivem na éra contemporanea.

Crêa-se assim o Cinema — "chronica viva", já praticamente hoje realizado, focalisando duas figuras maximas, immortalisadas agora objectivamente, á projecção luminosa sobre a téla — Paderewski e Stokowski.

Não são mais as contrafacções, as improvisações ás vezes caricaturaes dos grandes musicos, celebrisados pelo genio e pela gloria; são elles proprios, reaes, vivos, authenticos na realidade de suas vidas, de "carne e osso e sangue", que a pellicula retem e torna eternos nos seus gestos, nas suas vozes, nas suas faculdades e aptidões privilegiadas.

E dessa maneira, para o gozo cerebral de muitas gerações, pela eternidade afóra — permitta-se-me a hyperbole — se hão de apresentar na grandeza de sua arte os idolos de cada epocha.

Em fins de 1937, surgiu, em "Sonata ao luar", a figura sacerdotal de Ignacio Paderewski, imponente na serenidade e no encanto de sua velhice aureolada pela magestade do genio.

Antes de morrer, já octogenario na edade mas primaveril na alma, quiz Paderewski apresentar-se a todo o mundo, para, á custa do milagre da celluloide, chegar a todos os recantos do globo, com a sua arte que não envelhece e cada vez mais se prestigia.

Filmado em Londres, o "Sonata ao luar" assignala um progresso avançado da technica: o aperfeiçoamento aprimorado do "idolo de piano", que se nos revela desembaraçado daquelle som falseado, estridente, metalico, não evitado nos antigos systemas de gravação.

E com impeccabilidade dos effeitos acusticos, é-nos dado admirar a "Rhapsodia", n.° 2, de Liszt, uma "Polonaise", de Chopin, o "Adagio" de "Sonata ao luar", de Beethoven, e o "Minueto" do excelso pianista.

O film desdobra-se em scenas esmeradas de um entrecho romantico, em cuja tessitura resalta a influencia salutar e regeneradora da musica nobre, sobre um suggestionavel coração feminino. E Paderewski, — estadista que governou seu paiz, doutrinador e oráculo que, do seu poetico retiro suisso, á margem do Lago Leman, acaba de proferir a palavra de congraçamento á Polonia atribulada, escriptor notabilisado por suas "Memorias", — apparece-nos o artista do drama da vida, na desenvoltura e naturalidade dos comediantes traquejados, mas ainda, e sobretudo, o maior pianista de todos os tempos, de uma maestria requintada, de uma vibratilidade de interpretação que só a technica irrivalisavel póde exceder.

E' sempre o mago do piano! E elle ali está na téla, como uma apparição sobrenatural, no esplendor de seu genio sem occaso, deixando-nos a impressão de uma das figuras mais gloriosas do seculo, das que mais podem ennobrecer a especie.

Quasi logo após o exito ruidoso da "Sonata ao luar", ao iniciar-se o novo anno, exhibe-se outro film do mesmo genero, em que é focado outro vulto celebre da musica—Leopoldo Stokowski, o afamado regente da famosa Orchestra Symphonica de Philadelphia: "Cem homens e uma menina".

Atravez das bem urdidas peripecias de um episodio de actualidade social, — explorando a miseria de "musicos sem trabalho", — dramatisado pelo talento precocissimo de uma garota — **Deanna Durbin**, apresenta-se-nos, na sua bravura magistral, o regente magico, a conduzir de modo commovente a sua orchestra impar, na execução de trechos de Mozart, de Liszt e de Wagner (Lohengrin); é o proprio Stokowski, original e insuperavel, "regendo sem batuta", acenando com as mãos, com a cabeça, com os olhos movimentados e faiscantes, com todo o seu sêr, com toda a sua alma, impetuoso no sentimento mas sobrio no gesto, levando, a seus consummados musicos, uma vibração communicativa e impulsionante, que lhes transmitte a chamma interior do notavel artista polaco.

Na silhuêta espiritualisada de Stokowski, — suggerindo, aos impulsos persuasivos, ás vezes mesmo, impositivos de seus gestos conductores, a justa interpretação, a devida virtuosidade áquella centena de professores da Orchestra Symphonica de Philadelphia, — sente-se qualquer cousa electrisante, que, como si se

(Fim — pagina oito)

ARAUJO LIMA

NÓS, *em Manaus, temos tão claro o sentimento de hospitalidade, que até Alberto Rangel, autor de apaixonados panfletos sobre a região, destaca, num dos seus melhores contos, essa qualidade amazonida. O diabo é que as nossas atenções nem sempre são*

O CONTO DA QUINZENA

BAHIANINHA

RIBEIRO COUTO

Naquella pensão da praia do Flamengo o apparecimento de Zezé Flores produziu sensação.

Moravam ali uns senhores occupados e gordos que á noite, em cadeiras de vime, á porta, tomavam o fresco olhando passar os bondes. Havia tambem duas moças feias, velhuscas, funccionarias de um Ministerio, que comiam silenciosas. E um medico mocetão, vermelho, sardento, carrancudo, com um geito impertinente de exhibir a esmeralda. Estava sempre a fazer concurso para a Saude Publica e era todas as vezes desclassificado. Tinha odio ao ministro da justiça, que não sabia da sua existencia. E havia eu.

Eu, os senhores sabem, sou uma pessoa insignificante. Nunca me fiz notar por outra coisa além de uma timidez deploravel. Estava seguindo um curso particular de chimica industrial, porque meu pai, tendo empregado os seus capitaes na fabricação da agua raz, queria fazer de mim o cerebro technico dessa e outras proezas.

Zezé Flores chegou á pensão numa segunda-feira. O marido fôra nomeado engenheiro da Inspectoria de Portos e vinham de São Salvador, de mudança, com tres pesadas malas de roupa e um accento bahiano horroroso, em que os rr eram aspirados com os hh inglezes.

Era morena, miuda e flexivel. Ao rir-se, a bocca pequena e fina descobria dentes alvos que suggeriam mordidelas gostosas em nacos de carne polpuda. Tinha attitudes imperativas, um olhar victorioso quando encarava as pessoas. Usava vestidos de cores berrantes, amarellos de óca, vermelhos sangrentos de urucum.

Nessa primeira noite, quando Zezé Flores compareceu á sala de jantar, toda verde como uma lagarta — a lagarta do dr. Mauricio Flores, pesado, escuro, cara quadrada, sobrancelhas espessas de pixe — senti que Zezé Flores, fixando os olhos em mim, me revelara de subito o segredo das infinitas submissões do homem.

As moças feias e funccionarias, mastigando o pão com movimentos exaggerados de maxillas magras, espicharam olhos despeitados para o escandalo daquelle verde (pedaço petulante de bandeira brasileira vestindo o moreno saboroso de um corpo macio, sazonado ao sol de São Salvador).

O medico sardento pareceu, desde aquelle instante, inspirar uma antipathia recta a Zezé Flores. Talvez em poucos momentos, naquella mesma tarde da chegada, ella houvesse percebido já as attenções que d. Eulalia, com os seus quarenta annos imponentes, concentrava no quarto do doutor. Porque a todas as horas do dia ou da noite ouvia-se d. Eulalia no corredor a perguntar ás criadas:

—Poz agua no jarro do dr. Esperidião?

—Você varreu bem o quarto do dr. Esperidião?

—O' Emilia, quem foi que derramou um pingo de tinta na mesa do dr. Esperidião?

Não sei si foi por sentir, por instincto, que o dr. Espiridião se erguia diante de mim como um rival desventurado e vingativo, o caso é que me pareceu observar na bahianinha, desde logo, uma aversão indisfarçavel por elle.

Zezé Flores ficou sendo na pensão, para toda gente — a bahianinha. As proprias criadas diziam entre ellas: a bahianinha. E eu mesmo, conversando commigo, nos soliloquios melancholicos do amor que nascia, não a tratava senão por bahianinha.

O dr. Flores tinha uma fala grossa, atrovoada. No começo, pouco falava á mesa. Tornou-se verboso, depois. O seu assumpto predilecto era o Estado de São Paulo, que não conhecia. No seu entender, o Estado de São Paulo era o parasita da Republica. Tudo era para São Paulo! Leis, defesa, auxilio, só para São Paulo! E os Estados do norte que morressem á mingua!

O dr. Esperidião raramente conversava. Era de Sergipe e não gostava dos bahianos. Em todo caso, como nem eu, nem as moças funccionarias, nem os senhores gordos do commercio oppuzessemos nada á argumentação do dr. Flores, sahia do seu silencio para dizer uma simples phrase:

—São Paulo marcha á frente do Brasil.

E voltava á sua casmurrice.

Havia um sussurro de approvação.

D. Eulalia, cujo fallecido esposo era campineiro, tinha enthusiasmo por tudo que fosse paulista, armando ás vezes conflictos por causa do futebol de São Paulo, "infinitamente, mas infinitamente superior ao carioca". Então, quando o dr. Esperidião defendia a terra paulista daquelle geito, numa synthese que irradiava convicções, ella batia com a cabeça, cotucando o peito com o queixo onde havia dois fios de barba.

Os solteirões obesos, entre os quaes se contava tambem um professor de inglez, acompanhavam, então o gésto de d. Eulalia, para serem agradaveis a ella. E, sob um sorriso de bonhomia experiente, settavam olhares de encoberta sensualidade para Zezé Flores.

D. Eulalia, no fim de algumas semanas, verificou que o dr. Esperidião estava impressionado pela bahianinha. Fôra notando modos, gestos, alterações de habitos do medico, num inquerito silencioso e tenaz, até obter a certeza.

Uma noite, como fizesse muito calor, eu quiz tomar um banho frio ao voltar da rua. Passando em chinellos de corda pelo quarto do dr. Esperidião, ouvi ciclos de conversa e commetti esta odiosa e excitante acção: espiei pelo buraco da fechadura. E' claro: d. Eulalia estava lá dentro, sentada na cama, com o rosto transformado pela ira. Gesticulava. O dr. Esperidião, em mangas de camisa, extendido ao longo do colchão, procurava ler um jornal, que ella lhe arrancava das mãos. Feriu-me a vista este pormenor: elle usava suspensorios vermelhos. Escutei:

—Eu ponho essa mulher para fóra!

* * *

A bahianinha empolgou-me. A iniciação do nosso amor foi simples.

O quarto della era na segunda parte do edificio, cujos compartimentos davam para uma area interna com jardim. O chuveiro era no fundo. Sempre que eu passava, no meu roupão de banho, via Zezé costurando, numa cadeira de braços, entre os tinhorões dos canteiros.

Acanhado, eu cumprimentava.

A's vezes, o chuveiro estava occupado. O professor de inglez cantarolava lá, com uma voz estertorante de barytono gasto.

A principio timidamente, fui tomando o habito de parar junto de Zezé Flores antes de ir para a ducha. Como sentisse nella uma ironia maliciosa diante do meu acanhamento, animei-me aos poucos. Passámos a conversar coisas picantes.

Ella gostava de phrases:

—O déstino de uma mulér bonita é o amorr. Não é nãão?

Essa literatura avançada ficava chocante na sua bocca provinciana de bahianinha. Em todo caso, que fazer Um dia beijei-a

Não teve o menor susto. Lambeu a bocca, como que recolhendo o beijo e continuou a conversa, muito calma.

Olhei para traz, com o terror de que houvessem visto: á janela de um quarto havia o gato da casa, que dormia ao sol. Uma abelha zumbia em torno de uma flor, quasi no meu nariz.

Corri ao chuveiro, para isolar-me, para collocar de novo as idéas no logar, porque o meu instinctivo rompante me abalara as fibras, agora desmanchadas pela commoção.

* * *

Os hospedes notaram em mim qualquer mudança. Evidentemente. Talvez eu andasse mais disposto. Ou talvez mais timido e desconfiado. O facto é que notaram.

O dr. Esperidião — atrapalhado com os pontos de um novo concurso na Saude Publica — passou a odiar-me. Tive o receio de uma denuncia anonyma e communiquei isso a Zezé, uma tarde, num cinema da rua da Carioca, que frequentavamos ás escondidas.

—Tenha medo nãão.

O seu "nãão", obrigatorio em quasi todos os finses de phrase, tinha uma sonoridade longa e profunda. Meu secreto encantamento embarcava naquelle "nãão" como para um voo rapido ao infinito.

D. Eulalia poz-se a tratar Zezé Flores com desprezo. Deixava o quarto do casal por fazer, até tarde do dia. A' mesa, esquecia-se de servir a bahianinha.

Eu, humilde, fingia não perceber nada.

E um domingo, como não lhe dessem canja e d. Eulalia declarasse com sequidão, que não havia mais, Zezé levantou-se da mesa:

—Mauricio, eu não almoço nãão.

O dr. Flores, surpreso, olhou-a sem comprehender.

—Levanta. Vamos a um restaurante.

E, atirando o guardanapo, sahiu.

A grosseria fôra enorme. Elle seguiu a mulher, desculpando-se, acanhado, sem saber.

No mesmo dia mudaram-se para um hotel. Na semana seguinte estavam installados numa casa em Copacabana, junto do morro.

* * *

No Flamengo o ambiente continuou carregado por muitos dias. D. Eulalia, por indirectas, atacava a bahianinha:

—Ando muito cansada desta vida de pensão. Encontra-se gente boa, mas tambem se encontra muita gente ordinaria.

Teve a audacia de perguntar-me, tempos depois:

—Tem visto a bahianinha Aquillo é coisa muito atoa, já me informaram. Emfim, eu não podia saber. Ella não trazia letreiro na testa.

Esperidião resistia aos projectos de d. Eulalia. Isso a irritava contra Zezé, como si Zezé, ainda que ausente agora, tivesse culpa de accender os sentidos do sergipano. Eu sabia o que se passava entre os dois porque...

Ha infamias deliciosas. Sim, porque eu os espiava.

Espiava-os quasi todas as noites.

Vingava-me assim de terem humilhado a bahianinha e privado a mim da sua encantadora presença, a sua presença absorvente.

A' noite, quando eu enxergava luz no quarto de Esperidião, punha um olho na fechadura.

E assistia as brigas dos dois.

A's vezes d. Eulalia parecia sossegada, conversava com calma. Esperidião estava sempre em mangas de camisa esticado na cama e tinha aquelles suspensorios vermelhos. (Eu jurava para mim, não sei por quê, serem presente de d. Eulalia).

Collocando o ouvido na porta ouvia tudo. Ella queria vender a pensão e montar uma casa em Santa Theresa, onde alugaria dois ou tres quartos para extrangeiros de luxo. Viveriam como casados.

—E tua filha?

Era sempre a objecção delle.

A filha de d. Eulalia era uma mocinha de quatorze annos, que vivia internada num collegio de Petropolis. Aquella filha salvava-o.

—Você continuará um hospede como os outros.

Elle insistia, supplicante:

(Conclue na pagina 11)

O CORONEL BELARMINO... e o seu automovel

19 DE FEVEREIRO

RIO BRANCO, 19 — Of. Doutor Alvaro Maia — Palacio Rio Negro — Manaus — GAB NR 188 — De 19|2|38 — Prazeirosamente envio ilustre amigo afetuoso abraço parabens pelo transcurso seu aniversario natalicio deseando-lhe inumeras felicidades pt Saudações cordiais. — (a) *Epaminondas Martins*, Governador.

MANAUS, AM, 19 — Interventor Alvaro Maia — Manaus — "A Tarde" pelo seu diretor corpo redacional solidarizando sentimentos coletivos passagem data hoje eloquente historia atualidade amazonense iniciada governo sabio realizador ilustre coestadano que sabe sintetizar valor nossa geração apresenta vossencia felicitações mui sinceras augurando continuas vitorias seu periodo governamental.

MANAUS — AM — Exmo. Sr. Dr. Alvaro Maia — Interventor Federal — Manaus — AM — A nombre del cuerpo consular residente y en el mio proprio reciba vuestra excelencia el saludo cordial que le enviamos con motivo aniversario natalicio haciendo votos por la ventura persinal de vuestra excelencia atentamente — (a) SAMUEL TORRES VIDELA, decano cuerpo consular general Perú.

MANAUS, 19 — Dr. Alvaro Maia — Palacio Rio Negro — Manaus — AM — Minhas homenagens expressivas transcurso data natalicio. — (a) PERICLES MORAIS

MANAUS — Doutor Alvaro Maia — Manaus — AM — Cordiais felicitações data natalicia meu nome e Conselho Ordem Advogados—(a) SA' PEIXOTO, presidente.

MANAUS, AM, 19 — Doutor Alvaro Maia — Interventor Federal — Manaus — AM — Faculdade de Direito do Amazonas que tantos beneficios deve ao Governo de V. Excia. envia-lhe efusivas felicitações pelo transcurso de seu aniversario natalicio. — ARISTIDES ROCHA, diretor da Faculdade.

MANAUS, 19 — Dr. Alvaro Maia D. Interventos do Estado — Pa-

MANAUS, AM, 21 — Dr. Alvaro Maia — Manaus — AM — Nome União Operaria envio vossencia sinceras congratulações motivo passagem aniversario natalicio e de patriotico governo Estado registrado 19 corrente pt — FRANCISCO CAETANO, presidente.

GOVERNO BEMQUISTO

No dia 19, no Palacio Rio Negro, o labor foi o mesmo — intenso como nos demais dias de expediente comum. E o mais graduado dos funcionarios do Estado, o Interventor Alvaro Maia, trabalhou, tambem, como sempre, varias horas mais do que os seus subordinados (Ele, quotidianamente, das 7 ás 13, e das 14 ás 19 horas, recebe postulantes, despacha, depois de minucioso estudo, processos, redige a correspondencia de maior responsabilidade, etc. etc.)

Entretanto, naquele dia, o dr. Alvaro Maia fez 44 anos de idade e 3 de investidura na chefia do governo do Amazonas.

O acontecimento mereceu as devidas homenagens de todas as classes sociais amazonenses, homenagens espontaneas, sóbrias, e expressivas, como o Homem e os fátos que as inspiraram.

O bacharel Alvaro Botelho Maia, como cidadão e como administrador, nunca

A MANIFESTAÇÃO DOS DIRETORES DE SERVIÇO

Foi interprete dos sentimentos de amisade e de admiração dos chefes de serviço, na grande manifestação ao Interventor Alvaro Maia, á tarde de 19 deste mês, o dr. Huascar de Figueiredo, ilustre procurador da fazenda estadual, que improvisou a seguinte oração:

DR. Alvaro Maia — Escolhido agora para falar em nome dos seus amigos e dos auxiliares do governo do Amazonas, não me seria dado recusar essa honra. E essa atitude tanto mais necessaria se torna neste momento, não somente pelas graves responsabilidades, a que nenhum de nós deve fugir, como ainda porque esta demonstração, dirigindo-se ao chefe do Estado, tem uma dupla significação. Festa de amisade, pela passagem do aniversario natalicio de V. Excia., ela tem a expressão de uma homenagem civica, comemorando-se hoje, com os aplausos do povo, o terceiro aniversario da administração de V. Excia. As palavras de agora, portanto, dirigindo-se a um filho da terra, que a tem honrado sobremaneira, devem traduzir o sentido misterioso das florestas amazonicas, não pelo efeito agreste da sua origem, senão como o gesto de agradecimento do coração da raça, da alma do povo, com a sua orquestração propria, os seus encantos naturais de sinceridade. Festejamos hoje, com a coincidencia sentimental de uma data intima, cujas demonstrações se adivinham e se sentem neste recinto, a certeza de havermos conquistado para o Amazonas as credenciais de reabilitação de que o mesmo é merecedor, graças á orientação superior do seu governo, pelo respeito aos direitos e, mais do que tudo isso, pelo sentido perfeito da honestidade pessoal, de que é V. Excia. o mais alto expoente na sua terra. As nossas palavras, nesta hora, não perdem, porem, o cunho da afetividade, demonstração de dedicada amisade ao chefe e companheiro de responsabilidades, mas se alcandoram com o sentimento da gratidão, que não é somente nosso e sim da propria terra, o coração da terra, a alma comovida da raça, que se dirigem a V. Excia. neste momento, congratulando-se com as suas alegrias e fortalecendo-se com o seu exemplo de benemerencia. São estas as palavras que eu sinto deverem ser dirigidas a V. Excia. com as nossas felicitações pela data intima e pela passagem do aniversario da administração de V. Excia."

Respondeu o homenageado, eloquentemente, refletindo o seu reconhecimento, aproveitando o ensejo para agradecer tambem a dedicação de seus auxiliares á causa publica e definir as responsabilidades, de todos, na hora presente, de reconstrução nacional.

RENATO VIANNA

Renato Viana vem rever sua terra. Traz uma companhia brilhante.

As atividades deste fecundo espirito são varias. A publicação dum interessantissimo romance de critica social foi atitude diletante. São Luiz do Maranhão apreciou-o, durante certo tempo, atuando na imprensa diaria, praticando, com bravura e maluquice, um panfleto cheio de cintilações á Mario Rodrigues. De Fortaleza para São Paulo, inumeras têm sido suas caminhadas vitoriosas. Os grandes centros aplaudem, nele, sempre, o grande ator, escritor teatral e empresario.

Ainda desconfiado do senso estetico da provincia, tratou ele de apadrinhar-se, com padrinhos fortes, para não perder muito dinheiro na aventura dessa nova excursão ao Norte. Adiante publicamos a prova de que, oficialmente, a sua visita será acolhida com justo apreço.

19 de Fevereiro

O Interventor Alvaro Maia, entre oficiais da Força Policial e da Companhia de Bombeiros, no momento em que estes lhe apresentaram as suas saudações

IMPORTANTE!

Um documento que recomenda o governo

Armas da Republica — Diretoria Geral da Fazenda Publica — N° 397 — Manaus, 28 de fevereiro de 1938 — Exmo. Sr. Dr. Interventor Federal — Tenho a honra de passar ás mão de v. excia. o ultimo boletim do exercicio financeiro de 1937, hoje findo, termino do periodo adicional, por onde se verificou o saldo de DOZE CONTOS NOVECENTOS E SETENTA E SEIS MIL E DUZENTOS E TRINTA E NOVE REIS (12:976$239). Encerra, assim, a administração de V. Excia. o exercicio, com todos os compromissos orçamentarios pagos, quer relativos ao funcionalismo, quer aos que se referem a despesa material, o que reflecte a situação perfeitamente equilibrada com que foi encerrado o orçamento de 1937. Ao trazer a V. Excia. tão auspiciosa comunicação, com a devida venia, congratulo-me com V. Excia. e com os demais auxiliares da administração, nos quais, dentro de suas atribuições e no perfeito conhecimento de suas responsabilidades, encontrou sempre a Diretoria da Fazenda, a melhor colaboração e o mais devotado interesse pela causa publica. Hoje mesmo, depois de encerrado o expediente, teve inicio o balanço anual dos valores confiados ao Tesoureiro Geral João Baptista de Oliveira Azevedo, para cujo serviço designei uma comissão composta dos funcionarios Pedro Alves Dantas de Araujo, Zulmar Bonates da Cunha e Hugo Cantanhede, sob a presidencia do chefe de Secção Tancredo Moreira Lima, comissão essa assistida pelos Srs. Contador Geral e Dr. Procurador Fiscal, na forma estabelecida no art. 241, do regulamento a que se refere o Dec. n. 118, de 19 de Março de 1937. Os trabalhos terminaram ás 23 e 1|2 horas com a mais perfeita normalidade e conferencia dos valores, os quais foram achados conformes, do que foi lavrado um termo, no caixa geral que serviu no exercicio encerrado, transferindo-se, para o deste exercicio, o saldo verificado e antes publicado. Sem outro assunto, reitero a v. excia. os meus protestos de consideração e estima. Saúdo a V. Excia. — (a) JORGE DE ANDRADE, pelo Diretor Geral.

esteve divorciado das simpatias publicas.

Vida limpa, austera, sem vicios; simplicidade domestica á Floriano Peixoto; nervos de japonês, espantosamente controlados; religioso respeito á liberdade de quem quer que seja; espirito de justiça; modestia — timidez; atividade mental, desde o panfleto politico, oportuno, na imprensa ou praça publica, á poesia lirica, animada com a alma das cousas e dos homens da sua terra; compreensão dos problemas regionais; e outras qualidades representativas dos eleitos abriram-lhe os caminhos mais sugestivos. Tem a amizade dos moços, dos estudantes, que, — antes das multiplas e eficientes medidas que vem executando em beneficio do ensino, inclusive, e antes da atual Constituição, o amparo ao estudante pobre, cuja educação, em varios casos, custeia da sua bolsa particular, antes mesmo da sua brilhante situação no magisterio, situação essa conquistada em memoraveis concursos, — já o haviam escolhido seu lider, seu patrono. Confiam nele os funcionarios publicos a quem paga, pontualissimamente, e para quem estão reservadas magnificas surprezas, com o muito proximo recebimento de dinheiros p|c da indenização do Acre. Os deserdados, de camisa de tricoline e gravata, cujo drama é maior, ás vezes, que o daqueles que expõem sua miseria em trapos, todos os necessitados, enfim, são ouvidos e amparados por ele, em assis ten cia medicamentosa, hospitalar, em alimento, em transporte para os logares onde nasceram ou aonde os leva a fé, dispendendo com esse fim humanitario, alem das por ele previstas no orçamento, como "Socorros Publicos", a verba "Eventuais", com que, antigamente, antes de 1930, se premiava os filhos da sorte, os bonitos afilhados dos situacionistas. E conta com a estima do alto comercio, dos latifundiarios, dos ricos, cujos interesses, quando em harmonia com o progresso local, quando orientados para o bem da coletividade, quando resultam em favor da fazenda estadual, são calorosamente advogados pela sua administração ou pelo seu prestigio pessoal.

INTERVENTOR ALVARO MAIA

Manaus — 19 — Doutor Alvaro Maia — Palacio Rio Negro — Manaus — Aceite sinceras felicitações do amigo. (A) Desembargador STANISLAU AFONSO.

A posição dos empregados e empregadores sob o Estado Novo

BEZERRA DE FREITAS

As garantias asseguradas aos empregados, após a revolução de outubro, mais se accentuaram na carta constitucional de 10 de novembro, onde novas perspectivas se apresentam a quantos desejam trabalhar e crear em beneficio da collectividade.

Nas linhas basicas daquelle estatuto, no regimen anti-individualista ali estabelecido, não ha logar para conflictos de classes nem se estimulam debates de qualquer natureza; ao revés, harmonizam-se os interesses dos empregadores e empregados com um sentido realista meramente alcançado por qualquer outro estatuto americano.

Nossa indole conservadora, ou melhor, nosso espirito de cooperação favorece, de resto, o ambiente preparado para um entendimento largo e cordial entre os elementos de trabalho no norte, no centro ou no sul do paiz. Passou a época dos dissidios, vae longe a phase das desintelligencias entre operarios e patrões, desintelligencias originadas não só de uma campanha habilmente conduzida, com o objectivo de subverter a ordem politica e social, como ainda de crear os mais graves embaraços á expansão da economia brasileira.

A carta de 10 de novembro veio ao encontro de todas as necessidades dos nucleos trabalhistas, das aspirações dos agrupamentos de homens uteis, e estabeleceu providencias cujo alcance se avalia pelo seu simples enunciado.

Assim, os contractos collectivos de trabalho, o repouso semanal, a licença remunerada após um anno de serviço ininterrupto, a estabilidade no emprego, a indemnização, em virtude de dispensa sem justa causa, o salario minimo, o dia de trabalho de oito horas, a protecção ao labor dos menores e das mulheres, a assistencia, a instituição de seguros de velhice, de invalidez e de vida para os casos de accidente, as garantias da syndicalização, tudo isso representa uma victoria do sentimento e da intelligencia brasileira, neste cyclo desordenado da civilização universal.

Argumentou-se, não ha muito, que as conquistas obtidas pelas classes trabalhadoras são demasiado avançadas, e excedem, por isso mesmo, ás suas legitimas necessidades. A these é especiosa. Nossa legislação social não póde nem deve ser obra de improviso, com o limitado objectivo de resolver pequenas questões e duvidas, mas um amplo systema juridico e economico, destinado a formar uma lucida e segura mentalidade trabalhista. E o erro dos legisladores da primeira phase republicana foi precisamente esse de acreditar que os conflictos collectivos poderiam ser solucionados com o auxilio das mesmas formulas concebidas para os dissidios individuaes.

Os preceitos estabelecidos pela carta de 10 de novembro, as iniciativas propostas, as medidas propugnadas, longe de constituir um corpo de leis exaggeradas, sem fundamento nas condições reaes da vida nacionaes, affeiçoam-se a rigor, á estructura politica e economica do nosso tempo. Elles se adaptam perfeitamente ao nosso organismo, por isso que resumem pacientes observações, resultam de inqueritos largos e demorados, onde todos os factores de ordem social e economica foram postos em equação.

Através dessas pesquisas, onde foram mobilizados numerosos elementos de ordem technica e scientifica, ficamos sabendo que se a questão social não attingiu, entre nós, a gravidade com que se apresenta nas civilisações estratificadas do occidente europeu ou dos paizes orientaes, nem por isso devemos abandonal-a, encolhidos no mais suave providencialismo. Cumpre-nos, ao contrario, enfrental-a, revolvendo-a, examinal-a sob os seus diversos aspectos, e só assim poderemos estabelecer o marco divisorio entre os direitos do capital e do trabalho.

A concentração de energias em diversas zonas do paiz, o problema organico da distribuição das utilidades, o exame das riquezas do solo e do sub-sólo, não reclamam apenas o interesse dos economistas, mas o concurso tenaz e a assistencia technica dos dirigentes do Estado, pela simples razão de que o movel de todas as conquistas, o trabalhador, deve ser amparado por meio de providencias sensatas e equilibradas. Cercado de garantias, de conforto moral e material, seu rendimento crescerá em quantidade e qualidade, e esse tem sido um dos pontos cardeaes da legislação trabalhista brasileira, que não visa unicamente assimilar a doutrina corporativista, porque assim se pratica noutros paizes, mas intervir no psychismo collectivo, na orientação geral das massas proletarias distribuidas em differentes ramos de actividade pratica.

Empregadores e empregados, encontram, sem duvida, na carta de 10 de novembro, carta inspirada na grande reacção do espirito nacional contra a rotina e o logar commum, o instrumento moderno e saudavel para a solução harmonica das suas divergencias. De tal fórma se fixam os dispositivos daquelle estatuto, que, de accordo com a letra do artigo 139, a gréve e o "lock-out" são declarados recursos anti-sociaes nocivos ao trabalho e ao capital e incompativeis com os superiores interesses da producção nacional. Dessa esplendida mentalidade se encontram possuidos os elementos constitutivos das suas classes, e a prova do que affirmamos resalta da simples possibilidade da organização, em nosso meio, de syndicatos mixtos de empregadores e empregados. Os remanescentes da anarchia e da desordem nada lograrão obter, pois ,sob a atmosphera de cordialidade em que se vão desenvolvendo os interesses das duas classes trabalhadoras, e estamos certos de que nenhuma doutrina contraria a esses interesses logrará exito fóra do estreito ambiente creado pelos seus propagandistas.

O anti-individualismo da carta de 10 de novembro, gerando soluções conciliatorias entre o patronato e o proletariado, cada vez mais amplas, imprimiu um sentido profundamente humano ás relações entre os dois grupos constructores da riqueza e do prestigio do paiz.

Diretoria Geral da Fazenda Publica

BOLETIM do dia 16 de Fevereiro de 1938

RECEITA :

EXERCICIO DE 1937		
Recolhido pela 3.ª Secção, sendo :		
Imposto de vendas mercantis	2:262$500	
Taxa de expediente	4$000	
Taxa de estatistica	36$500	
	2:303$000	
Recolhido por diversos	561$800	
Descontos feitos	239$100	3:103$900
EXERCICIO DE 1938		
Recolhido pela 3.ª Secção, sendo :		
Imposto de exportação	21:125$300	
Idem de emolumentos	215$000	
Imposto de vendas mercantis	20:600$300	
Imposto de industria e profissão	120$000	
Selo por verba	30$000	
Taxa de expediente	771$500	
Taxa de estatistica	976$000	
Imposto de transmissão :		
Inter-vivos	180$000	
Renda da Escola Normal	15$000	
Renda de outros estabelecimentos	375$000	
5 °|° s|pr. terras devolutas	398$800	
Chapas	10$000	
Renda para a Santa Casa	549$800	
Renda para o Estado de Mato Grosso	964$100	
	46:375$800	
Transferido do Caixa de 1937	450$000	
Descontos feitos	395$800	
Recolhido pelas Estações Fiscais	981$200	
Recolhido por diversos	41:752$700	89:955$500
		93:059$400

DESPESA:

EXERCICIO DE 1937		
Pago á proprietaria da casa onde funciona a Agencia Fiscal do Estado, em Remanso, no rio Juruá, referente de abril a dezembro	499$900	
Idem, idem, da sala ocupada pela escola "Carlos Pinho", na Vila Municipal, de dezembro	50$000	
Transferido para a Caixa de 1938	450$000	949$900
EXERCICIO DE 1938		
Pago a Henrique Martins & Cia., proveniente do fornecimento de 800 chapas de ferro esmaltado, destinadas ao serviço de licença de veículos	2:000$000	
Idem a Aguinaldo Cruz, por serviços executados no Teatro Amazonas	169$000	
Idem a F. Fernandes Cadilhe, fornecimento feito ao Departamento de Educação e Cultura	840$000	
Idem a Ladislau da Silva, idem ao Leprosario Belisario Pena	14:760$000	
Idem a J. Macedo & Cia., pela verba "Eventuais", para pagamento do enterro do sr. Joaquim Inacio de Souza Junior	590$000	
Idem a donas Eglantina e Conceição Gonçalves de Souza, filhas do contribuinte do Montepio Joaquim Inacio de Souza Junior, correspondente á quota de luto a que têm direito	200$000	
Entregue ao porteiro da Côrte de Apelação, p|conta da tabela 21, Material : a) Expediente, do orçamento vigente	200$000	
Entregue ao diretor da Escola de Aprendizes, pela verba Reformatorio Educacional do Amazonas, para material escolar e manutenção dos 100 aprendizes enviados áquela Escola pelo Juizado de Menores	2:500$000	
Importancia a ser depositada, no Rio de Janeiro, por via aérea, a favor do dr. João Maria de Lacérda, como contribuição financeira do Estado do Amazonas para a Feira Mundial de Nova York de 1939, inclusivé desp. de remessa	100:379$400	
Dispendido pela verba "Socorros Publicos"	80$000	121:718$400
		122:668$300

Recapitulação Geral

EXERCICIO DE 1937	
SALDO DO DIA 15	85:851$016
Arrecadação de hoje	3:103$900
Total	88:954$916
Pagamentos feitos	2:038$400
Saldo	86:916$516
EXERCICIO DE 1938	
SALDO DO DIA 15	367:809$000
Arrecadação de hoje	89:955$500
Total	457:764$500
Pagamentos feitos	134:308$700
Saldo	323:455$800

Discriminação dos saldos existentes

Do Estado	303:598$932	
Do Estado de Mato Grosso	5:161$800	308:760$732
De Depositos :		
Consorcio do Guaraná	100:000$000	
Do Suprimento Federal	1:611$584	101:611$584
		410:372$316

Demonstração dos saldos

Caderneta n. 479, do Banco Nacional Ultramarino	13:306$100	
Caderneta n. 144, do Banco Popular de Manaus	34:642$300	47:948$400
Na Tesouraria, em Caixa		362:423$916
		410:372$316
Fundo de compensação :		
Saldo de 1936, Caderneta n. 1, do Banco Popular de Manaus		133:646$769
Juros do ano de 1937		2:314$431
		135:961$200

TESOURARIA, em Manaus, 16 de Fevereiro de 1938.—(aa) **Oliveira Azevedo**, tesoureiro geral. — **Francisco Bonates**, escriturario dos Caixas. — **Jorge Andrade**, 1.° escriturario respondendo pelo expediente da Diretoria.

No proximo n.º: O CICLO DA BA

José Garrido TORRES

NO regimen economico de eterna imprevidencia e soberano desprezo pelo dia de amanhã, criminosamente descansados quanto ao futuro pela potencialidade inesgotavel do sólo uberrimo do Brasil, após termos repetido a façanha em relação a todas, todas, as nossas fontes de riqueza, deixamos, displicentemente, que se perca mais uma e das mais valiosas.

Nativa como tantas outras que gozaram de real prestigio até o dia em que tiveram de competir com similares oriundos de transplantações, não tememos a sorte que aguarda a nossa preciosa castanha do Pará, talvez por acreditarmos que jámais poderá ser desbancada nos mercados do mundo...

Entretanto, para avaliar-se o quanto vae nessa attitude de irresponsabilidade, de tola segurança, basta olhar o exemplo do passado com a sua serie ininterrupta de fracassos.

Nem caberia retrucar que assim não succede, porque, não obstante já ter sido divulgado entre nós e com um certo alarme, por parte da imprensa, que o mercado de Londres está sendo grandemente abastecido pela mercadoria exportada de Ceylão, onde foi adaptada a fructa brasileira, nem por isso deliberaram os poderes competentes, no sentido de serem tomadas as providencias que o caso requeria.

A producção castanheira continua a verificar-se pelo mesmo empyrismo de processos, sem a observancia dos modernos e economicos da racionalização e da padronização, sujeitando-se os productores, faltos de recursos, á especulação desalmada dos intermediarios exportadores, entregando-lhes o producto pelo mesquinho preço de $160 o kilo, para que estes possam ter uma larguissima margem de lucro vendendo-o em Nova York a 7$000 ! ! !

Assim desapparelhada e desamparada, é evidente, não poderá a castanha nacional fazer face ao similar oriental, protegido por concessões aduaneiras e facilidades varias, arruinando-se, portanto, e acarretando a miseria a um numero consideravel de familias sertanejas que têm na industria da castanha o unico meio de sua parca subsistencia, passando a constituir, emfim, mais uma conta nesse já comprido rosario dos desastres que a chronica da economia brasileira registra.

Teremos, talvez dentro em breve, a repetição do drama da borracha, com a penuria completa invadindo os lares, se uma acção energica e esclarecida não se fizer sentir por quem de direito.

Porque a castanha, ao lado da borracha, (esta profundamente debilitada, com possibilidade de recuperação extremamente limitadas, tendo a seu favor apenas a qualidade insuperavel) forma as duas vigas mestras da economia amazonica. E hoje, muito embora de valor intrinsecamente inferior á borracha, está a castanha sendo exportada a um preço médio por kilo, que representa o dobro do obtido por aquella.

Porém, a situação da castanha, pelos effeitos que projecta a politica economica ingeza em bem de um autarchismo imperial, é bastante precaria. Ha que cuidar de dotal-a de meios que a habilitem á concorrencia, bem como lhe facilitem a expansão, não só no exterior, como tambem no mercado interno, por força de uma propaganda intelligentemente conduzida.

Nada, entretanto, se fez até o presente. Continua ao sabor de quantos golpes se queiram contra ella vibrar.

Ha dois annos passados, lançaram as classes productoras do Pará, do Amazonas e do Acre, um brado de desespero, um appello angustiado ao Gove[rno], para que este não permittisse que as fontes princ[i]paes de riqueza daquella região extrema do Brasil s[e] estiolassem á mingua de qualquer auxilio. E até agor[a] para grande desventura sua, não puderam percebe[r] aquelles brasileiros o éco do seu appello objectivado n[a] solução imperativa.

No principio, ainda se pensou em fazer algum[a] coisa, tal como a creação de um "Instituto Federal da [B]orracha e da Castanha", mas essa iniciativa não foi além d[os] pa[ssos] iniciaes, dados pelo Ministerio do Trabalho, constan[tes] da [no]meação de uma commissão de peritos para estudar o [a]ssum[pto] e de um ante-projecto naquelle sentido, remettido ao [Pr]esid[ente] da Republica acompanhado de uma mensagem que o j[ust]ific[ava].

Institutos para dirigir a economia, porém, consti[tu]em [uma] idéa que já não encontra clima ou sympathia, pelos [re]sulta[dos] obtidos da experiencia... Pomposos, inuteis, creador[es] de [dif]ficuldades á producção, apinhados de ridiculos "tech[ni]cos" [de] "pince-nez", discutindo academicamente a "theoria d[o] valo[r]" [e] outros principios, estes organismos só conseguiram, [f]inal, travar o progresso do paiz, sangue-sugando suas ene[rg]ias [for]midaveis.

Mais honesto, efficiente e opportuno seria, se[m] duv[ida], procurar resolver o problema, attendendo á urgencia [qu]e o [caso] impõe, pelo systema do estabelecimento de coopera[tiv]as, [da] concessão de credito barato e outras medidas já ave[nt]adas [por] alguns com pleno conhecimento de causa, todas de ca[ra]cter [im]mediato, visando livrar essa promissora industria ex[tra]ctiv[a]

BALATA, artigo de Nunes PEREIRA

A Castanha Na Economia Amazonica

contingencia de subordinação á ganancia insaciavel dos intermediarios, que manipulam os preços e jogam no mercado com cartas marcadas e a seu bel prazer.

Todavia, seria insensato julgar que uma politica em beneficio do producto e de todos delle dependentes, devesse constar apenas destas providencias de emergencia, uma vez que deveriam ter por complemento, enquadrada no actual Estatuto politico do paiz e animada pelo espirito que presidiu a feitura deste, a educação dos productores em direcção á ordem corporativa, promovendo-se os primeiros trabalhos, no sentido de dar ao problema a unica e definida solução, qual seja a da creação da Corporação Nacional da Castanha.

Seria perfeitamente inutil, já nesta altura, pretender demonstrar o que significa para essa parte, quiçá para todo o Brasil, a castanha, assim como a borracha. Diremos, comtudo, em relação á primeira, que concorreu na balança commercial do paiz em 1936, com cerca de 88.963 contos de réis, equivalentes a 708.000 libras ouro, dispondo ainda os mercados por ella já conquistados de uma capacidade de absorpção que excede de muito o volume importado. Bastará accrescentar, que só o inglez e o norte-americano, aliás, os dois melhores, poderiam consumir um total muitas vezes superior aos 1.500 mil hectolitros, cifra da producção.

Assegura-se a estabilidade de ambas as riquezas em bases solidas, garantindo-se o seu desenvolvimento e livrando-se-as das negras perspectivas do momento, e uma nova éra de progresso, pelo restavelecimento economico, saneamento das populaçxes ruraes e melhoria das condições sociaes, se abrirá para a Amazonia, cujo esplendor não é difficil imaginar.

Tudo é tão facil e custa tão pouco!... Não faltam verdadeiras capacidades e as reservas financeiras, por ventura applicadas em tão importante obra, não poderiam ter melhor destino.

E' só uma questão de bôa vontade e de criterio, ou de um pouco de patriotismo, se quizerem...

A CONSTITUIÇÃO

Continuação

Art. 66. O projecto de lei, adoptado numa das Camaras, será submettido á outra, e esta, si o approvar, envial-o-á ao Presidente da Republica, que, acquiescendo, o sanccionará e promulgará.

§ 1.° Quando o Presidente da Republica julgar um projecto de lei, no todo ou em parte, inconstitucional ou contrario aos interesses nacionaes, vetal-o-á total ou parcialmente, dentro de trinta dias uteis, a contar daquelle em que o houver recebido, devolvendo, nesse praso e com os motivos do véto, o projecto ou a parte vetada á Camara onde elle se houver iniciado.

§ 2.° O decurso do prazo de trinta dias, sem que o Presidente da Republica se haja manifestado, importa sancção.

§ 3.° Devolvido o projecto á Camara iniciadora, ahi sujeitar-se-á a uma discussão e votação nominal, considerando-se approvado, si obtiver dous terços dos suffragios presentes. Neste caso, o projecto será remettido á outra Camara, que, si o approvar pelos mesmos tramites e maioria, o fará publicar como lei no jornal official.

DA ELABORAÇÃO ORÇAMENTARIA

Art. 67. Haverá junto á Presidencia da Republica, organizado por decreto do Presidente, um Departamento Administrativo com as seguintes attribuições:

a) o estudo pormenorizado das repartições, departamentos e estabelecimentos publicos, com o fim de determinar, do ponto de vista da economia e efficiencia, as modificações a serem feitas na organisação dos serviços publicos, sua distribuição e agrupamento, dotações orçamentarias, condições e processos de trabalho, relações de uns com os outros e com o publico;

b) organizar annualmente, de accordo com as instrucções do Presidente da Republica, a proposta orçamentaria a ser enviada por este á Camara dos Deputados;

c) fiscalizar, por delegação do Presidente da Republica e na conformidade das suas instrucções, a execução orçamentaria.

Art. 68. O orçamento será uno, incorporando-se obrigatoriamente á receita todos os tributos, rendas e supprimentos de fundos, incluidas na despesa todas as dotações necessarias ao custeio dos serviços publicos.

Art. 69. A discriminação ou especialização da despesa far-se-á por serviço, departamento, estabelecimento ou repartição.

§ 1.° Por occasião de formular a proposta orçamentaria, o Departamento Administrativo organizará, para cada serviço, departamento, estabelecimento ou repartição, o quadro da discriminação ou especialização, por itens, da despesa que cada um delles é autorizado a realizar. Os quadros em questão devem ser enviados á Camara dos Deputados juntamente com a proposta orçamentaria, a titulo meramente informativo ou como subsidio ao esclarecimento da Camara na votação das verbas globaes.

§ 2.° Depois de votado o orçamento, si alterada a proposta do Governo, serão, na conformidade do vencido, modificados os quadros a que se refere o paragrapho anterior: e, mediante proposta fundamentada do Departamento Administrativo, o Presidente da Republica poderá autorizar, no decurso do anno, modificações nos quadros de discriminação ou especialização por itens, desde que para cada serviço não sejam excedidas as verbas globaes votadas pelo Parlamento.

STELLINHA EPSTEIN

FIM

dispensadas a quem as merece ou as compreende. Ha, tambem, muito raro, é verdade, quem nos pague uma acolhida, justamente amavel, com uma benemerencia. Está na excepção a simpatica Stellinha Epstein. Primeiro, ela tomou conta, entre nós, de quem entende de musica, de bôa musica. Dois concertos, duas completas conquistas da nossa platéa mais consciente. Depois, a preferida, a sempre festejada dos nossos principais salões. Moça de espirito, essa pianista que o Movimento Artistico, em bôa hora, nos mandou! Agora, Stellinha revela-nos o seu grande coração. Verificando que possuimos muitissimos tuberculosos, sem ser devidamente hospitalizados, conhecendo a situação precaria do nosso hospital São Sebastião, a moça, em vez de defender o seu nariz com o lenço de rendas que comprou em Fortaleza, em vez de aguardar oportunidade para contar esse triste fáto em Belem, tomou uma iniciativa exemplar, digna dos nossos mais calorosos agradecimentos. Prejudicando os seus interesses, decidiu adiar o seu regresso ao sul, afim de nos honrar com um terceiro recital, que se realizará, a tres de Março, em beneficio da Liga Pró-Tuberculosos. Precisamos, todos, ir ao Teatro Amazonas aplaudir a intelligencia e o coração criadores de Stellinha Epstein. As palmas começam ante essa linda atitude filantropica.

A Arte No Cinema: Paderewski e Stokowski

(Conclusão do artigo de ARAUJO LIMA, escrito exclusivamente para A SELVA)

desprendesse da aureola de sua cabelleira prateada, é a irradiado proprio genio musical, a transfigurar aquelle homem abençoado pelas divindades da Arte e... pelo proprio Deus.

Um indefinivel prazer espiritual nos envolve, numa grata sensação de conforto, ao recordar as emoções, despertadas pelos dois films requintadamento artisticos, em que se nos mostram aquellas duas figuras hieraticas, glorificadas no culto dos genios de Mozart, Chopin, Beethoven, tantos outros...

...E é como se tomassemos um banho lustral, tocados de sagrada uncção religiosa, que guardamos aquella impressão consoladora, que nos transporta a alma, purificando-a das frivolidades da epocha.

ATOS DA INTERVENTORIA FEDERAL

DECRETO N.° 50—DE 23 DE FEVEREIRO DE 1938

Crea o Conselho de Assistencia e Proteção aos Menores.

O Interventor Federal no Estado do Amazonas, no uso de suas atriuições, e

Considerando que é dever do governo propugnar pela assistencia, defesa e proteção dos menores,

DECRETA:

Art. 1.° — Fica creado para todo o Estado do Amazonas o Conselho de Assistencia e Proteção aos Menores, com as mesmas finalidades e objetivos previstos no decreto numero 92, de 19 de novembro de 1935.

Art. 2.° — Comporão, nas comarcas do interior do Estado, o Conselho de Assistencia as seguintes autoridades: o juiz de direito, o prefeito municipal, o promotor publico, o delegado de policia, os coletores de rendas e territoriais e mais quatro pessôas de reconhecida idoneidade moral, nomeadas, para isso, pelo juiz de direito, que será, sempre, o presidente nato do Conselho.

Art. 3.° — Os Conselhos de Assistencia e Proteção aos Menores deverão coordenar suas atividades de defesa da creança brasileira, com o Conselho desta Capital, anexo ao Juizado de Menores.

Art. 4.° — Revogam-se as disposições em contrario.

Palacio Rio Negro, em Manaus, 23 de fevereiro de 1938.

ALVARO BOTELHO MAIA
Marcionilo Lessa

N.° 369.

O Interventor Federal no Estado do Amazonas resolve prover as normalistas Zulmira Cantanhede, Olga Augusto de Araujo Jorge, Mirtes Marques Trigueiro, Iolanda Pereira de Barros, Noemia Tarcila Guerreiro de Melo e Jarina Alves Muniz para exercerem os cargos de professoras efetivas de primeira entrancia, em virtude das provas de habilitação exibidas em concurso, realizado de acôrdo com o decreto numero 4, de 7 de dezembro do ano passado.

Palacio Rio Negro, em Manaus, 18 de fevereiro de 1839.

(aa) ALVARO BOTELHO MAIA
Marcionilo Lessa

N.° 370.

O Interventor Federal no Estado do Amazonas resolve remover para os cargos de professoras efetivas de primeira entrancia as normalistas Maria Rufina de Almeida, Izabel Angarita e Lucila Vieira de Freitas, respectivamente, professoras de segunda entrancia de Manicoré e Parintins e de terceira da Vila Municipal, á vista da classificação obtida em concursos de titulos, realizado nos termos do decreto numero 4, de 7 de dezembro do ano passado.

Palacio Rio Negro, em Manaus, 18 de fevereiro de 1839.

(aa) ALVARO BOTELHO MAIA
Marcionilo Lessa

EXPEDIENTE

Diretor — *Silverio-Clovis Barbosa.*
Diretor-gerente — *I. F. Clovis Barbosa*
Diretor-responsavel, etc. — *Clovis Barbosa.*

ASSINATURAS

Preços para todo o Brasil e paizes da Convenção Postal Pan-Americana:

Registradas

1 ano	15$000
Semestre	8$000
Numeros 1, 2, 3 e 4	5$000
Numero avulso	$400

Correspondentes e representantes em todos os municipios do Estado.

REDAÇÃO E GERENCIA (provisorias): — Av. Sete de Setembro, 649. — Caixa Postal, 297 — Manaus — Amazonas — Brasil.

COARI, 21 — A SELVA — Manaus — "Foi inaugurado hoje trapiche desta cidade pt Assistiu toda população vibrante entusiasmo juiz direito presente solenidade tocando banda municipal hino nacional ouvindo-se vivas drs. Getulio Vargas e Alvaro Maia pt Foi um acontecimento singular vapor Marapatá realisou atracação no trapiche cujas fortes defensas suportaram atritos sem menor abalo pt Vapores Ida Carmen e Tupí lados trapiches assistiram ceremonia seus passageiros e tripulação pt Todos ficaram bem impressionados vg estando a cidade nos seus maiores dias de festa pt Saudações. — (a) ALEXANDRE MONTORIL, prefeito municipal".

●●

DO Diretor do Departamento de Estatistica, recebemos a seguinte circular:

"Manaus, 12 de fevereiro de 1938. — Exmo. Sr. Diretor d'A SELVA. — Presente — Cumpre-me levar ao conhecimento de Vossa Excelencia que, por decreto-lei n. 218, de 26 de janeiro ultimo, do Exmo. Sr. Presidente da Republica, o Instituto Nacional de Estatistica passou a denominar-se Instituto Brasileiro de Geografia e Estatistica. Sirvo-me do ensejo para apresentar a Vossa Excelencia os meus protestos de elevada consideração e respeitosa estima. — (a) JULIO BENEVIDES UCHÔA".

Musica para os doidos

Bem que podia ser a epigrafe dum artigo, oportunissimo, dum psiquiatra daqui, a proposito da ultima iniciativa dos nossos amigos José Garcia e Carlos Mesquita, em beneficio dos alienados. Trabalham aqueles, com a colaboração da imprensa local, pela aquisição de um radio, dos melhores á venda na praça, para ser instalado no Hospicio Eduardo Ribeiro para divertimento dos doentes ali internados. A idéia tem sido bem acolhida. Pela A SELVA, foram arrecadadas as importancias abaixo discriminadas: Manoel Fonseca, 50$000; Rosalina Gomes Amora, 50$000; Dr. Artur Camara, 10$000; Higino Abrunhosa, 10$000; Fabrica Francfort, 10$000; Leitaria Sombra, 10$000; Fabrica Aurora, 10$000 e professora Emilia de Carvalho Antony, 10$000.

N. R. — Na edição anterior, em vez de Fabrica Aurora, saiu, com a contribuição de 10$000, o nome de Fabrica Rosas, que, aliás, se recusou de contribuir para essa assistencia cristã.

MARIO DE ANDRADE, PARANINFO

...Eu fui o filho da felicidade. Nunca sofri. Tive energia bastante para repudiar o sofrimento do espirito e fôrças fisicas suficientes para impedir os sofrimentos do corpo. Dominei com facilidade, e sobretudo com inalteravel otimismo, todas as ladeiras de meu caminho. Desenvolvia a luta com uma filosofia egoistica, de espirito eminentemente esportivo, que fizera de mim literalmente um gosador. Tambem suportei omissões e desgraças. Mas eu era um milionario detestavel, que acumulava e esperdiçava as suas riquezas e imolava frio as visagens do mundo, para confôrto do seu proprio ser. Não rico de di-
nheiro, mas afor tunado duma far-
tura vaidosa de ilusões e defêsas
pessoais. Minhas cóleras de critico,
minhas violencias jornalisticas, mi-
nhas peleias lite rárias, minhas do-
res de amor e re voltas contra a vi-
da ambiente, em que fui tão since-
ro, hoje me pare cem fantasmago-
rias gostosas em que pus em práti-
ca uma encantada satisfação de vi-
ver. E já agora, com um sentimen-
to menos teórico da vida porque
apalpei sua quoti dianidade mais de
perto, eu só posso, não me perdoar,
porem me compa decer do que fui,
lembrando a escuridão da minha total ignorancia : eu não sabia !

. . . .

Como pois, srs. diplomandos, poderia dizer-vos apenas as palavras irresponsaveis de prazer com que outras vezes trai? Poderia agradar-vos, saudando a vossa formatura, quando justamente agora principia o áspero caminho? Poderei glorificar-vos por um diploma vencido, quando eu sei que não estais aparelhados para vencer? Poderia, disfarçando a importancia desta solenidade, falar-vos sobre as grandezas da música, quando a música anda por todos desvirtuada?...

Talvez estejais ainda lembrados da armadilha com que quasi todos os anos inicio os meus cursos de História da Musica... A' pergunta que faço sobre o que os meus alunos vieram estudar no Conservatorio, todos respondem, um que veio estudar piano, outro canto, outro violino. Ha quatorze anos faço tal pergunta. Não tive até hoje um só aluno que me respondesse ter vindo estudar música!

FRANCISCO GALVÃO, REPORTER

... No decorrer deste inquerito tive o cuidado de perquirir sobre o que pensavam os academicos da sua propria instituição, e vi que a Academia se achava assentada com segurança nos seus fundamentos, mirando com sympathia os que aqui fóra porfiam com fervor pela elevação do nivel mental do Brasil, guardando-se alli dentro o espirito da tradição, com todo o zelo de uma dignidade garantida por quarenta annos de trabalhos fecundos e beneficos.

O velho Laet que foi, em ponto pequeno, o nosso Bernardo Shaw, teve uma vez uma ironia candente com a
Academia. Com parou-a a um re-
medio antigo, que se chamava "tria-
ga" — electuario, em cuja composi-
ção entravam inu meras substancias
heterogeneas, sen do algumas toxi-
cas, perdendo o virus com a mis-
tura dos ingredien tes.
A seu modo de ver, passava-se o
mesmo com a Aca demia : entravam
nella toxicos for midaveis, embora
o resultado da dro ga fosse benefico.
Reconheço que ha grandes valo-
res ainda fora do "Petit Trianon", e
entre elles, Gilber to Amado, em
cujo cerebro tropi cal está perpetua-
mente acesa a lam pada do pensa-
mento sul-americano. Ronald de Carvalho não esteve tambem na casa dos deuses, Manuel Bandeira e Mario de Andrade, tambem estão fora.

Mas, nem por isso se poderá dizer que a Academia de Letras não seja aquella torre de marfim que fallava Machado de Assis, que morreu sem saber, elle, que conheceu nos primeiros dias da instituição momentos amargos para a sua estabilidade, que ella haveria de ser prospera e feliz, depois do gesto de Francisco Alves.

O leitor vae conhecer na intimidade as grandes figuras que vivem sob as suas arcadas.

E ha de encontrar, evidentemente, neste livro que é uma reportagem, sem outras preoccupações literarias, a certeza de que ella vem cumprindo com fidelidade o seu destino de zelar pelo idioma e conservar com carinho a tradição brasileira, numa terra em que tudo se faz para esquecer o passado.

COMBATE AOS INTELECTUAIS, NA RUSSIA

Comunicado, do Serviço de Divulgação da Policia do Rio, para A SELVA

EM um dos ultimos numeros do "Pravda", de Moscou, pode-se observar como se intensifica, violentamente, o combate aos literatos e artistas, na Russia Sovietica.

A destituição de Alexandromitch, presidente da Associação de Escritores, o desterro de Dumez e W..nde, o assassinato de Malinoff e Breresin, são algumas demonstrações dessa nova campanha comunista.

Pareca, mesmo, que a Russia volta áquele periodo revolucionario sangrento de 1917, época em que as condenações se sucediam ás centenas.

Em 1933, o grande nome da imprensa e da literatura sovietica era Averbak, homem de mediocre cultura, que, para brilhar no firmamento sovietico, se dedicava a publicar obras de recortes e a eliminar todo literato e jornalista que tivesse alguma talento. Tão reacionariamente cumpriu essa missão que o comité do partido comunista, decidiu, em 1934, promover um congresso de literatos, tamanho era o silencio que reinava, nesse setor da atividade comunista. A' falta de obras para comentar, e á falta de talento e preparo, esse conclave não foi mais que um amontoado de palavras, no qual a arte e a literatura chegaram a ser comparadas ás fabricas, e assim, padronadas como objetos manufaturados. Esse insucesso completo tornou-se mais patante, pouco depois, quando Stalin, para incentivar a propaganda de seu nome, abriu um concurso com premios para o que escrevesse, com bondados literarios, "sua vida e sua obra". Os escritores concurrentes, pouco talentosos e sem material, — pois que a vida de Stalin não dá margem a livros do genero pedido, — nada apresentaram findo o prazo estipulado. O tirano vermelho, assim, não teve meios para crear "o cantor de sua vida, o cancioneiro de sua obra".

A visita de André Gide á Russia, posteriormente, e o livro que escreveu, "Retour de l'U. R. S. S.", provocaram grande estupefação aos dirigentes sovieticos, que não compreenderam por que um extrangeiro, que fôra tão bem tratado e recebido, escrevêra, depois, paginas de tremenda acusação á Russia. E' que, apesar da recepção magnifica, a Andre Gide não passaram desapercebidas as realidadas do regime comunista. E, daí, logicamente, o seu livro. Mas, alguem, na Russia, devia pagar pela "traição de Gide". Alguem devia ser responsabilisado pelo ataque destruidor que fisera, e que mostrára fatos até então ciosamente escondidos. Por isso, os "towarischtschi" literatos e jornalistas, que acompanharam Gide, em sua excursão, foram á barra do tribunal.

A "Pravda", logo a seguir, iniciou uma serie de artigos clamando contra a precariedade da literatura russa, e a falta de escritores, motivos pelos quais a Russia não podia desfaser, com publicações, as acusações de André Gide. Ficou, desta forma, mais uma vês evidenciada a falencia da literatura sovietica. Ficou mais uma vês, demonstrada a carencia de talentos na terra do homem maquina. O Governo sovietico, para se justificar, perante o publico, por essa falha de sua administração, apelou, então, para o argumento de força: "os literatos existiam na Russia. Eram talentosos, mas sabotavam o regime. Preferiam ficar inativos, a produzir para o Estado. Reuniam-se em clubes, onde conspiravam contra os poderes constituidos". E algumas desenas de acusações — justificativas, dessa ordem, foram divulgadas pelos orgãos oficiais. Depois, e como que para demonstrar a procedencia desses fatos, a G. P. U., por ordem de Stalin, prendeu, desterrou ou fusilou Kiscion, Jasenki e muitos outros, réos dos crimes apontados pelo Governo.

Com semelhante perseguição a policia secreta sovietica acabou de liquidar com os restos da inteligencia russa, sem ter em conta que a ciencia não descobriu, ainda, um processo de incubadora para crear genios e talentos. Depois, portanto, de ter arruinado o País, material e moralmente, Stalin, agora, e para justificar um erro, consequencia de outros, extermina, de vês, a intelligencia e o espirito do povo que escravisa, na certêsa antecipada de não poder restabelecer essa força, nos proximos cincoenta anos.

Mas é assim o regime comunista. Para encobrir um erro, pratica outros maiores, que, si resolvem a situação, momentaneamente, não poderão ser reparados em desenas de anos.

TAJÁ-SOL

Poema em prosa, que
Gentil Puget musicará.

O coração da gente é um tajá,
de amplas folhas vermelhas,
com o mysterio e o poder do Tajá-Sol.

Então, porque eu creio e te amo
e o meu amor e a minha fé,
ao mesmo tempo, nos separam e aproximam,
como as aguas de dois rios amazonicos,
imitarei o Indio ingenuo, quando crê e ama,
pedindo a esse Tajá de amplas folhas vermelhas,
na luz do Sonho e no ardor da Febre,
que, tu, tão longe e tão perto de mim, ao mesmo tempo,
venhas para os meus braços e os meus beijos,
na nudez de teu corpo e na alegria de tua alma.

E porque eu creio e te amo
e o meu amor e a minha fé
tudo podem alcançar de uma planta—sagrada,
eis-te aqui, offegante e anciosa
na luz do Sonho e no ardor da Febre...

Amada ! Imita o Indio ingenuo como eu...

NUNES PEREIRA

A palavra clara de Renato Vianna

Uma expressiva carta do nosso luminoso confrade ao dr. Alvaro Maia.

"São Paulo, 4 de fevereiro de 38.
Meu eminente amigo Alvaro Maia.
.. Nessa ultima carta, eu lhe, comunicava a realização do meu grande sonho de artista brasileiro: levar ao Norte do Brasil o meu Teatro, toda a obra que realizei em vinte anos de labor incessante e amarguras incomparaveis pelo ideal excelso.

Levo ao Norte uma autentica Companhia de Arte. Sem intuitos mercenarios ou improvisações faceis. Minha carga é de quatorze toneladas de material cênico. O maior rigor de montagens jamais vistas em teatros de comedia do Brasil. E um repertorio de absoluta, intransigente expressão cultural.

Por tudo isto é que me atrevo a apelar para a simpatia dos homens publicos do Norte, daqueles que fazem da politica um instrumento de ação social e compreendem o valor politico da arte na obra plástica da nacionalidade.

Não pretendo negocios. Peço aquilo que nunca se negou a ninguem: pequeninos auxilios de boa vontade.

O ponto inaugural da "tournée" será o Recife, onde já se acha fixada a nossa estreia: 26 de março.

A Companhia embarcará no porto de Santos a 21, a bordo do "Highland Princess".

Do Recife, rumaremos ao Pará, cujo governo recebeu o nosso apelo com a maior simpatia e onde devemos chegar em fins de abril ou começo de maio.

Daí, de Belem, é meu desejo visitar Manaus, cuja hospitalidade eu lhe pedia na aludida carta de 7 de janeiro.

Até este momento todas as portas do norte a que temos batido se abrem carinhosamente para nos receber: Pernambuco, Ceará, Maranhão, Piauí, Pará. Não acredito que a do Amazonas se mantenha fechada — sendo v. o dono da casa.

Fazendo a temporada de Belem até meiados de maio, necessitaria que o "Teatro-Amazonas" nos estivesse franqueado nessa época.

Eis o apêlo que lhe venho reiterar, certo de que se extraviaram as minhas ultimas cartas.

Depois de vinte e cinco anos de ausencia voltarei a rever Manaus — e essa visita será para mim uma resurreição de todo o meu passado morto.

E acredite, meu caro Alvaro Maia, que eu saberei honrar a hospitalidade generosa dessa terra, retribuindo-lh'a com a expressão mais pura do meu espirito.

Aguardando a sua resolução, para poder traçar o meu roteiro, subscrevo-me
seu velho confrade
admirador e amigo

RENATO VIANA

* * *

RADIO DO INTERVENTOR

atendendo aos apelos dos Ministros do Trabalho e da Educação e do Presidente da A. B. I. para o amparo oficial á Companhia de Arte de Renato Viana.

"Gabinete do Interventor Federal no Estado do Amazonas — Telegrama oficial — Manaus, 31 de janeiro de 1938 — Tm 3 — Ministro Valdemar Falcão Ministro Gustavo Capanema Presidente A B I — Rio — G 256 — Recebida melhor simpatia recomendação favor Renato Viana querido filho Amazonia que lhe é grata pelos brilhantes serviços com que prestigia teatro brasileiro pt Creia em eminente patricio no empenho desta Interventoria assegurar missão artistica referido escritor exito condigno cultura amazonense. Cordiais saudações. — (a) ALVARO MAIA".

MAIS de mil e quinhentas pessoas, da Capital, do interior e doutros Estados, desde o humilde operario ás associações de classe, literarias, cientificas, bancarias, beneficentes, recreativas, esportivas, o magistrado, o homem de Estado, enfim, todos os representantes da sociedade congratularam-se com o sr. Alvaro Maia pelo transcurso do seu natalicio e pelo terceiro ano do seu governo. A Selva tem satisfação em reproduzir, neste numero, alguns desses telegramas.

Doutor Alvaro Maia, palacio Rio Negro — Manaus - cumprimentamos felicitamos vossencia seu aniversario natalicio fazendo melhores votos continuas felicidades extensivas exma. familia. — BANCO NACIONAL ULTRAMARINO.

* * *

MANAUS—19 — Doutor Alvaro Maia — Palacio Rio Negro — Nesta — Meu nome e Instituto Geografico muitos parabens votos prosperidades (a) Agnello Bittencourt.

* * *

MANAUS—19 — Doutor Alvaro Maia — Interventor Federal—Manaus Am — Associação Comercial Amazonas tem subida honra enviar Vossencia cordiais cumprimentos passagem seu feliz aniversario natalicio. Respeitosas saudações (a) Augusto Cesar Fernandes — Presidente.

* * *

MANAUS—19 — Doutor Alvaro Maia — Palacio Rio Negro — Manaus — Am — Atletico Rio Negro Club felicita Vossa Excelencia data natalicia congratulando-se um ano vossa operosa administração — Saudações (a) Flavio de Castro — Presidente

Exmo. Doutor Alvaro Maia — D. D. Interventor Federal — Palacio Rio Negro — Manaus— Am — Queira Vossencia receber meus cumprimentos pela data de seu aniversario natalicio (a) Waldemar Pedrosa —

Grupo de funcionarios, presentes ás provas de apreço, ao Interventor Alvaro Maia, no dia 19

O Chefe de Policia age contra as casas de tolerancia

PORTARIA N.º 55

O Doutor Rui Araujo, Chefe de Policia do Estado do Amazonas por nomeação legal, etc.

Usando das atribuições que lhe são conferidas e considerando que existem, nesta capital, algumas casas que, embora registradas na Policia para a serventia de comodos, se tornaram suspeitas á moral e á ordem publica;

Considerando que é dever indeclinavel e especial da Policia reprimir, tanto quanto possivel, ou extinguir esses nucleos de depravação onde muitas vezes são arrastadas á prostituição creaturas inexperientes;

Considerando que aos bons costumes e ao bem publico nenhum interesse particular deve prevalecer e que a exploração dessa perniciosa atividade não pode ser havida como meio de vida honesta;

RESOLVE:

Determinar seja feito rigoroso policiamento diario e efetivo nas imediações das casas de comodos tidas como suspeitas de tolerancia, ficando terminantemente proibida a entrada de damas, acompanhadas ou não, nas referidas casas, devendo ser imediatamente comunicada á esta Chefia qualquer transgressão que venha a ser cometida, afim de serem tomadas as compativeis medidas legais, inclusive instauração de processo para a expulsão do territorio nacional quando os seus locadores sejam extrangeiros.

Aos Srs. Doutor Delegado de Segurança Politica e Social, Comandante do Corpo de Segurança Publica e Comissarios, para observarem e fazerem cumprir a presente determinação, devendo previamene ser identificado e localisado o antro suspeito á Policia.

Cumpra-se, cientifique-se, registre-se e publique-se.

Gabinete da Chefia de Policia, em Manaus, 15 de fevereiro de 1938.

RUY ARAUJO
Chefe de Policia

COLABORAÇÃO ESPONTANEA DOS BONS AMIGOS DA SELVA

No "Salão da Moda", sabado gordo

Para não ficar com a barba crescida, dirigi-me ao "Salão da Moda", do Ramos. Entrei e aquilo estava repleto; é natural, todos querem ir ao baile com a cara raspada, mas não chegava a minha vêz... Já aborrecido, e como não ia ao baile, resolvi deixar a barba para o outro dia. Nisto, entra um turco e diz:

—Bôa noite, patrão Ramos, sempre ás ordens.

E o Ramos respondeu:

—Bôa noite, Jorge.

Mas como o salão estava selecto e o turco bem sujo, o Ramos tratou de descartar-se do Jorge e disse-lhe:

—Queres fazêr-me um favôr?

—Pois não, sempre ás ordens.

—Sabe onde tem grão de bico bom?

—Na Casa Lixandre.

O Ramos prefere o Guerra. E lá se foi o Jorge.

Dahi ha meia hora entrou, outra vêz, com o grão de bico.

—Pronto, sanhur.

O Ramos tirou 500 réis e deu-lhe para tomar um café. Era o meio de pôl-o para fóra, mas o turco ficou firme.

Ahi aparece o Beleza e diz-lhe:

—Jorge leva a minha bateria para o baile, sim?

—Sim, sanhur, quanto ocê paga?

—Dez tostões.

Rertuca o turco:

—E' bouco, ora tem bombo, tem bratos, tem estes outros martelos para bate no bombo, beza, Beleza! Quer baga 5.000 réis, eu leva.

—Eu dou 2$500, diz o Beleza, pois isto é sempre sistema de turco deixar pela metade. Lá se foi o turco com a bateria. O Ramos respirou. Meia hora depois, lá estava o turco de novo.

—Raios o partam, diz o Ramos, que queres ainda?

—Vim bede para sanhur manda Castor faz meu barba.

—Logo hoje, dia de movimento, diz o Ramos. Bem, você vem amanhã, que é domingo, eu tenho um serviço aqui e faço-lhe a barba.

—Até amanhã, Jorge, diz o Ramos.

Mas o judeu chegou á porta, voltou e disse:

—Patrão Ramos arranja 5.000 réis por conta do serviço da manhã.

O Ramos diz-lhe: Vá-se embora, não quero mais o seu serviço.

Ahi vem o outro figaro, o Manacapurú, e diz-lhe:

—Jorge, hoje, é meu dia de limpeza: eu faz barba para ocê e ocê faz limpeza pra eu.

Diz o turco:

—Não bóde, eu doente, não bóde varre casa e limpa cuspideiras.

—Então vá-se embora, não nos atrapalhe aqui.

Dentro daquela harmonia, o Jorge era uma nota dissonante e o Ramos bem sabia disso, pois ele tambem é musico...

Mas, com tudo isso, o judeu sempre ficava.

Digo eu, para o Itacoatiara, outro figaro do salão:

—Que quer aqui o Jorge?

—Ora ele não vae, sem o patrão convida-lo para o almoço d'amanhã, ele está sempre ás ordens do sr. Ramos para receber dinheiro e filar o almoço aos domingos.

E eu fiquei sem fazêr a barba...

J. G.

O CONTO DA QUINZENA

BAHIANINHA

RIBEIRO COUTO

—Dá na vista, Eulália...

Esperidião descobrira, ultimamente, numa festa a bordo do "Minas Geraes", que o senador Joaquim da Rocha, de Sergipe, tinha uma filha solteira, enjoadinha e rica. A providencia divina preparara este acaso maravilhoso : o professor de inglez dava aulas a ella. E Esperidião, que dantes o tratava de carranca fechada, passara agora a convidal-o a fazer o chylo pela praia, depois do jantar. Offerecia-lhe charutos.

Elle queria vencer. Havia de mostrar ao ministro da justiça !

* * *

Mudei-me. Santa Thereza acolheu, no encanto discreto das suas ruas, o passeante solitario das tardes de verão.

D. Seraphina, minha nova dona de casa, respondera á minha consulta balbuciada e timida :

—Sendo uma p'ssoa só consinto. Escandalos não quero.

A rua do Curvello é propria para os amores furtivos. Passam alguns extrangeiros que por alli moram. Passam, raros, os vendedores de fructa. E apenas á tarde surge dos portões a garotada plebéa dos cortiços, em algazarra.

Nos nossos dias, a bahianinha chegava logo depois do almoço, muito leve e flexivel, a passo rapido. Antes de bater, já a porta se abria para ella. Em pyjama, eu dava-lhe o beijo da chegada. E fechava a porta de novo.

Meu pai continuava acreditando nas minhas aptidões para a chimica industrial.

Os trabalhos do Primeiro Congresso Brasileiro de Engenharia Hydraulica eram á noite. Flores não faltava. Representava pontualmente o Estado da Bahia.

Por isso Zezé marcava encontros na praia do Leblon. Ali, num recanto selvagem, diante do mar em furia, ficavamos quartos de hora perfeitos, numa felicidade harmoniosa. Uma mulher tão pequena, mas tão forte! seus braços me apertavam como cordas que me amarrassem.

—Espere, você queima o rosto — eu dizia. Não faça assim. Olhe o rosto, você se queima.

Tirava-me o cigarro, jogava-o longe. Queria-me completamente absorvido nella. Que fazer ?

Uma vez meu susto foi enorme vendo approximar-se um sujeito. Vinha devagar, como quem está na certeza calma de encontrar uma pessoa procurada. Meu coração batia forte. Por instincto, apalpei uma pedra que estava a meu lado : era a minha unica arma de morte.

Si elle me desse um tiro ?

Zezé Flores, adivinhando o meu terror, disse a sua phrase predilecta :

—Tenha medo nãão.

Bem. E agora ? O sugeito vinha directamente para nós : o dr. Esperidião.

Passou. Zezé abafou um risinho de escarneo. Tomou da minha mão a pedra e perguntou-me no ouvido :

—Atiro ?

* * *

Gelado, senti a chave gyrar na fechadura.

Zezé deu um salto da cama. Um pensamento fulminou-me :

A viagem foi apenas um plano !

Zezé abriu depressa a janella, jogou-me nos braços a roupa e o chapéo e empurrou-me :

—Quando elle entrar, salte por ahi.

A sacada podia ter uns dois metros. Em baixo um gramado extendia-se, ao luar. O pulo era simples.

Sentindo os passos do marido dentro de casa, ella fechou a janella atraz de mim. Na vizinhança, as casas, a pequena distancia, estavam escuras, adormecidas. Escutava-se apenas o barulho do mar.

Vi-me entregue ao acaso de uma cilada. Podia haver assassinos pagos pelo Flores, á minha espreita.

Fiquei espremido naquella sacada, a cavallo na grade. Um instincto de coragem agonizante levou-me a ficar á escuta, abaixado. Ella podia precisar do meu soccorro. Pobre bahianinha !

Que era aquillo ?

Parecia uma invasão de soldados bebedos num palacio inimigo, em praça vencida. Flores derrubava moveis, atirava cadeiras, cambalhotava as mesas, partia os espelhos. Tiniam louças estilhaçadas, garrafas, copos. Um estouro annunciou-me que a estatueta de bronze da etagere fora atirada ao chão. Nossa Senhora ! Elle ia matar a bahianinha.

Si eu entrasse de novo ?

Seria a confissão brutal da verdade : eu estava descomposto, com as roupas na mão. Não podia entrar. Ficaria. Ficando, Zezé seria capaz de convencer o marido. E banhou-me um fluido quente e enthusiasmante de confiança no talento daquella mulherzinhas. Ella o convenceria.

Aquelle raciocinio fez-me perder o medo. Esqueci que podia haver assassinos de emboscada. O luar espalhava no mar as suas faiscações de prata.

—Esta louco ? Está louco ?

A voz da bahianinha vibrava.

—Canalha ! Eu mato esse homem !

Onde está ? (A voz de trovoada).

—Que homem, seu idiota ? — ella gritava mais forte, com uma energia aguda.

Uma chuva de sons crystalinos.... O lustre da sala de jantar fôra partido. Devia ter sido a golpes de bengala. Instinctivamente, imaginei o que seria aquella bengala partindo-me a cabeça.

Ouvi então Zezé guinchar uma coisa suprema :

—Fique quieto !

A frase pareceu-me de um insondavel prestigio na sua simplicidade imperativa.

—Eu mato !

—Pois mate ! Matar a quem ? Você ficou idiota ? Que significa isto ? Quebre á vontade porque o prejuizo é seu.

E ele não vinha até o quarto !

Eu esperava o momento em que Flores fosse procurar-me atraz das cortinas, ou dentro dos armarios. Como não parava de gritar, saberia da sua approximação e podia pular no gramado. Entretanto, Flores se limitava aos gritos e a partir tudo o que havia na sala de jantar.

Senti-me cheio de uma ampla coragem.

—Eu sei que um homem entrou aqui !

Avançou, nesse instante, para a alcova. Dispuz-me a dar o salto surdo. A voz da bahianinha fez-me ficar no logar :

—Veja ahi ! Procure em baixo da cama! Abra o guarda-roupa ! Imbécil ! Não está satisfeito nãão ? Acordar-me com esse escandalo !

Zezé daquella vez não seria assassinada. Era evidente.

Escutei uma risadinha ironica :

—Bôbo ! Amanhã tem que comprar tudo novo.

Elle parara.

—Mas como se explica isso, Mauricio ?

Tive a impressão de que ella o estava enlaçando pelo pescoço. Senti um ciume desesperado.

—Bôbo ! Só faltou abrir a janella e dar tiros. Ainda é tempo.

Ahi, puf ! cahi na relva. Fugi pelo quintal com o chapéo e a roupa nos braços. Na disparada, dei com a testa num arame de varal. Ao choque, cambaleei. Continuei correndo e saltei o muro. Estava no morro.

Offegando, parei.

Em baixo, na claridade da lua, a casa estava quieta, com o ar feliz dos bangalôs de beira-mar.

—Bahianinha !

Entretanto, um ciume, que eu procurava esconder a mim proprio, picava agora a minha gratidão.

Estariam reconciliados ?

O que perdeu Zezé, naquella noite, foi a mania de meu pai. O dr. Flores sossegara, estava já convencido de que a carta anonyma fôra uma infamia e que a velha, posta alli na praia para espiar si algum homem entrava, mentira e roubara-lhe o dinheiro. No entanto, a "American Review of Chemistry", que eu esquecera no criado-mudo, denunciou irrecusavelmente a presença de um amante.

Então o espelho do guarda-casaca foi sacrificado.

Zezé ainda explicou : tivera curiosidade de ler aquella revista; passando á tarde pelo Boffoni para comprar uns figurinos appetecera-lhe aquillo.

—Em inglez ? Que é que você entende de inglez, infame ?

O dr. Flores ficou convencido que a mulher o trahira com um inglez, ou um norte-americano. Um engenheiro norte-americano. talvez. Um collega ! E a idéa de que esse collega extrangeiro o conhecia, zombava delle ao passar, ou lhe apertava a mão com ironia, desesperava-o.

Meu pai foi o culpado. Eu recebera delle, naquella tarde, a recommendação de que não deixasse de ler todos os numeros da "American Review of Chemistry". Na sua opinião, "um chimico-industrial que se preza e que pretende ser alguma coisa na sua carreira, não pode prescindir dessa revista. Ali vem tudo, meu filho".

Eu comprara aquele numero. Andava com elle pelos bondes, pelos cafés, como quem é portador de uma preciosidade. Apenas não conseguia ler dez linhas de artigo nenhum.

Como tirar a illusão de meu pai ?

Eu chegara a casa cerca de duas da manhã. Preparava-me para dormir, alliviado por ter escapo daquella, ao mesmo tempo inquieto pelo rumo que tomara o meu caso de amor, quando bateram na janella. O coração pulsou-me violento. Seria o Flores ? A bahianinha teria confessado tudo ? Espiei pelas frestas da veneziana : Zezé !

—Que é isso ?

Eu estava aturdido. Que desgraça !

—Que significa isso ?

—Filhinho, abre a porta. Tá esperando o quê ?

Zonzo, fui abrir a porta.

A bahianinha entrou, o rosto a desapparecer sob um chapéo de velludo em forma de gorro, o corpo macio enrolado num mantô quente como um seio.

Beijou-me.

Apoderou-se do meu quarto, como nas tardes affectuosas. Foi para o espelho e, arrancando o chapéo, appareceu linda no quadro illuminado : o cabello enrolado á pressa, um pouco afogueada, mas o ar tranquillo de quem chega de um passeio.

Cahi sobre a cama, num desanimo de homem castigado. Apoiei a cabeça no braço, escondendo o rosto. Muito bem...

Ella chegou-se a mim.

—Que é isso, filhinho ?

Ergui para ella uns olhos de lagrimas.

Zezé soltou a sua risadinha deliciosa, ironica e contente :

—Tenha medo nãão...

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura